



REDE
TEMPO
BRASIL



UPE
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

História e Ensino: um ensaio a contrapelo

Leandro Couto Carreira Ricon¹

Resumo: Este ensaio visa apontar alguns caminhos possíveis a serem traçados no ensino de história a partir das concepções teórico-filosóficas expressas por Walter Benjamin (1892-1940) em seu último texto: [Teses] *Sobre o Conceito de História*. Neste sentido, debruça-se sobre as concepções historiográficas do século XIX, problematizando preliminarmente como estas concepções estabeleceram um ensino de história pautado nos ideais de progresso, causalidade, cronologia e verdade final. Trata-se do resultado preliminar das discussões iniciadas durante o ano de 2020 no grupo de pesquisa Teoria da História e Ensino de História.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Teoria da história; Ensino de história.

History and Teaching: an essay against the grain

Abstract: This essay aims to point out some possible paths to be traced in the teaching of history from the theoretical-philosophical conceptions expressed by Walter Benjamin (1892-1940) in his last text: *On the Concept of History*. In this sense, it focuses on the historiographic conceptions of the 19th century, preliminarily questioning how these conceptions established a teaching of history based on the ideals of progress, causality, chronology and final truth. This is a preliminary result of the debates initiated during the year 2020 in the research group Theory of History and History Teaching.

Keywords: Walter Benjamin; Theory of History; History Teaching.

Advertências Iniciais

No ano de 2016 foi fundado, na Universidade Católica de Petrópolis, o Grupo de Pesquisa *Teoria da História e Ensino de História*. O objetivo do grupo que engloba alunos e professores (tanto do ensino superior quanto do ensino básico – fundamental e médio) é claro: rastrear e problematizar os diálogos possíveis entre os saberes acadêmicos historiográficos, especialmente as teorias e as metodologias da história, e o ensino de história escolar, seus saberes e práticas. A motivação para a formação desse grupo deve-se, certamente, à percepção de um tímido e enfraquecido diálogo entre a academia (que, em alguns momentos, ainda se percebe como produtora de um saber maior; e percebida muitas vezes como encastelada em uma fortaleza de seguranças epistemológicas da qual possui muita dificuldade em sair para diálogos sociais mais amplos) e o saber escolar (apontado por alguns ora como, seguindo a trilha de Chevallard, mero transpositor didático, um tradutor de um conhecimento universitário e, portanto, maior, para o escolar, menor^{II}; ora como realizador de um processo de síncrese, na qual as interpretações historiográficas pouco tomam coerência; e

autopercebido como um saber diferente, nem maior nem menor, mas baseado em elementos do cotidiano e da experiência local em diálogo com o conhecimento acadêmico)^{III}.

Dentre as discussões que estão no projeto de constituição do grupo encontram-se elementos típicos da filosofia da história, da historiografia, da história da historiografia, da epistemologia da história, da metodologia da história, bem como vários temas concernentes àquilo que ficou sintetizado terminologicamente como *teoria da história*. Atendendo a uma demanda dos estudantes e pesquisadores do grupo, provavelmente animados pelos 80 anos de sua morte, em 2020 – os encontros do Grupo de Pesquisa continuaram ocorrendo durante a pandemia em formato remoto – selecionou-se a obra de um pensador que, apesar de constantemente utilizado tanto no campo da educação quanto na historiografia, pouco aparece no campo do ensino de história: Walter Benjamin (1892-1940). Assim sendo, o ensaio que se segue sinaliza alguns pontos levantados em nossas discussões e que se aprofundarão durante o ano de 2021. Neste sentido, temos ciência de todas as fragilidades e incompletudes deste texto, bem como de suas potencialidades.

Walter Benjamin: História e Ensino

Certas reflexões historiográficas se aprofundaram no último quartel do século XX. Dentre elas, algumas receberam profundo destaque, seja pela quantidade de material publicado, palestras conferidas, simpósios organizados e principalmente debates públicos. A história dos conceitos, os embates em torno da legitimidade social do conhecimento histórico e as discussões sobre a narrativa são apenas algumas destas reflexões que, nos últimos anos, viraram de ponta cabeça a oficina da história em suas mais variadas possibilidades. Em uma síntese muito superficial, esses debates questionavam e apresentavam caminhos plurais às seguintes questões, dentre outras, é claro: Quais os limites do conhecimento histórico? Seria a história uma ciência? Uma arte narrativa? Um tipo específico de conhecimento que coaduna ciência e arte?^{IV}. Não que estas questões fossem novas. De fato não o eram. Entretanto, as reverberações destas puderam ser sentidas nos mais variados espaços da academia. Uma questão aqui, todavia, merece destaque: as reflexões acerca do ensino de história.

Percebe-se, no Brasil, a criação de disciplinas específicas voltadas ao ensino de História entre os anos 1970 e 1980^V. Neste período, como apresenta Maria da Conceição Silva, “a preocupação passou a ser como se ensina e de que maneira se ensinam os temas de História”^{VI}. Assim, buscava-se a articulação e o diálogo entre a pesquisa historiográfica acadêmica e a história ensinada nas instituições do ensino básico em suas mais variadas especificidades e combinações. Este ensaio localiza-se no caminho de ambas as discussões. Ou seja, pretende-se apresentar, aqui, pontos introdutórios da convergência entre as leituras teórico-filosóficas da história e a possibilidade/necessidade de se pensar a renovação do ensino de história no cotidiano escolar^{VII}. Para tal, dentre as várias possibilidades apresentadas pelos escritos benjaminianos, selecionou-se o texto [*Teses*] *Sobre o Conceito de História*^{VIII}, no qual, partindo das problematizações teóricas e filosóficas propostas pelo autor acerca da história e de sua prática, procurou-se apresentar o encaminhamento ao ensino de história escolar.

Ensino De História, Ensino a Contrapelo

Certamente existe uma atualidade nas problematizações de Walter Benjamin, morto em 1940. O caráter fragmentário de sua obra, a amplitude de seus interesses, as imagens acionadas em sua escrita tantas vezes hermética, dentre uma ampla profusão de elementos,

fazem com que o autor permaneça nas discussões, incluindo historiográficas e educacionais, há décadas, se renovando a cada nova mirada, o que pode facilmente ser atestado na variedade de publicações e seminários recentes que envolvem seu pensamento^{IX}. Muito explorado no campo da educação, Benjamin chegou tardiamente às discussões brasileiras – especificamente ao se comparar com as discussões acerca de suas problematizações históricas que se iniciaram na Europa pouco após sua morte, ainda na década de 1950 – e, mais que isso, seu pensamento voltado ao ensino de história ainda ensaia passos mais firmes na expectativa de alçar voo.

Em suas célebres *Teses Sobre o Conceito de História*, Benjamin cria possibilidades de análises profundas sobre a história, em seus mais amplos modos interpretativos – experiência, vivência, filosofia, teoria, metodologia, pesquisa e ensino. Nesta obra, sua última, em sua *Tese VII*, apresenta dentre outras imagens de complexidade perceptível a ideia de se ‘escovar a história a contrapelo’^X. Em uma leitura rápida do sentido proposto pelo autor, escovar a história a contrapelo se aproxima da urgência de buscar as elaborações das contranarrativas dos vencidos, aqueles que foram explorados, violentados, mas, também, marcados pelas resistências^{XI}. Aqui, apresenta-se essa imagem como uma aposta metodológica que ultrapassa os limites da prática histórica acadêmica. Nestes termos, escovar a história a contrapelo, como metodologia também para o ensino de História, significa uma possibilidade de análise que proporciona uma forma de olhar o mundo histórico a partir do ponto de vista dos excluídos, dos subalternizados, recusando-se, portanto, a apoiar-se na tradição dos vencedores. Entretanto, certas indagações podem surgir como: em que medida a história ensinada colabora com a perpetuação da história dos vencedores apagando as possibilidades dos vencidos?

Em Benjamin, a história, desde autores como Ranke e Fustel de Coulanges responsáveis por apresentar apenas a narrativa oficial dos vencedores, acabou se descolando da vida, barbarizando nos indivíduos do hoje a derrota pretérita. Daí a célebre argumentação do autor de que os documentos da cultura são, ao mesmo tempo, documentos da barbárie, presente na mesma *Tese VII*. Assim, essa narrativa dos vencedores escolarmente apresentada através da pura narrativa reprodutivista de conteúdos não possui elementos que orientem a vida prática da ação: a superação messiânica das crises^{XII}. Ou seja, ao advogar por um conhecimento histórico que busque a contemporaneidade do passado e não apenas a sua historicidade^{XIII}, Walter Benjamin promoveu determinada renovação, mesmo que de forma indireta, nas possibilidades do ensino de história. O autor apontou, entretanto, alguns elementos que possibilitariam a afirmação desta história revisitada. Afinal, para ocorrer a escovação da história a contrapelo, uma nova interpretação de tempo seria fundamental. Assim, enquanto os historicistas – nome aberto pelo qual Walter Benjamin critica os historiadores conservadores do século XIX como Leopold von Ranke e Fustel de Coulanges – se preocupariam com os acontecidos, Benjamin procura o que não aconteceu, as possibilidades anuladas, a expectativa interrompida; ou o que foi obliterado, a experiência suprimida^{XIV}.

A crítica benjaminiana ante os historicistas e, consequentemente, ao ensino de história que parte desta premissa teórica se apoia, principalmente, no fato de que esta interpretação monumentaliza um passado que se encontra em perfeição linear que se encaminha até o presente, uma cronologia de causalidades perfeitas. Assim, apresenta a leitura de que esse tipo de narrativa historicista, marcada pelo aparato causal, linear e progressivo está a serviço da causa da classe dominante que venceu no passado e, sem mudança – inclusive no ensino de história –, permanece vencendo no presente^{XV}. Por isso mesmo, argumenta o autor, o foco das historiografias historicistas são sempre os vencedores, deixando aos vencidos, quando presentes, um mínimo papel coadjuvante em uma luta heroica dos próprios vencedores. Portanto, estes vencedores venceram no passado, com a ação opressora, e vencem no presente, com a narração historiográfica conservadora.

Pode-se notar, conforme atesta Circe Bittencourt, que os motivos originários para o ensino de história escolar, iniciado durante o século XIX, estavam vinculados ao projeto de afirmação das nações europeias em construção ou afirmação durante o mesmo período^{XVI}. Buscava-se, com isso, a identificação afetiva, empatia – *Einfühlung* –, dos dominados com os dominadores^{XVII}. A escola era percebida como o lugar de recepção de um conhecimento externo e superior e o professor seria o intermediário desse processo, um tradutor, cuja eficiência se afirmava a partir da própria identificação e aceitação da opressão. Vale lembrar também que, durante parte significativa do século XX, incluindo o período após Benjamin propor essa renovação, o ensino de história ainda se pautava na memorização – o que ainda ocorre, em certa medida na educação e, profundamente, na sociedade, o que pode ser reparado nos inquéritos factuais feitos a professores e a alunos de história por indivíduos que reduzem o ofício histórico ao conhecimento de determinadas datas, personagens ou linearidades causais de eventos^{XVIII}.

Essa cronologia linear típica da narrativa histórica historicista, responsável por anular a atividade humana em um tempo histórico homogêneo e vazio de significação, como bem atesta a *Tese XIV*^{XIX} aparece criticada em Walter Benjamin como responsável pelo estabelecimento de um progresso otimista que apenas existiria para um grupo, o dos vencedores, por isso a explosão desse contínuo seria tão importante^{XX}. Essa seria a função da revolução: não a locomotiva da história – responsável, em última instância por reafirmar o progresso, tal qual os teóricos do comunismo apontavam no período –, mas sim, o freio de emergência de um trem que desgovernadamente caminha em direção à barbárie e ao Estado de exceção. Nas palavras do autor, “Marx diz que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez isso se apresente de modo diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência”^{XXI}.

A crítica em torno da ideia da linearidade cronológica não pode, portanto, ser compreendida descolada da interpretação de progresso presente no início do século XX e aprofundada, segundo Benjamin, pelas II e III Internacionais. Nestes termos, critica os historicistas, os positivistas e o semipositivismo do marxismo vulgar^{XXII}, todos atados à mesma crença: o progresso linear causal. A crítica não pode ser separada uma vez que Benjamin percebe a linearidade cronológica e causal como a responsável pela legitimação do ideal de progresso opressor durante o século XIX. Portanto, esses elementos, a linearidade, a causalidade, e o progresso pertencem ao aparelhamento burguês de legitimação universal. Ou seja, o autor critica a historiografia dos vencedores, e aqui seu ensino, criticando a ideia de progresso e de tempo linear por esta estabelecido como um processo de dominação social que, através da interpretação causal, fortalece a crença em uma história universal, de escrita tão corrente em autores como Ranke. Afinal, o progresso tem sido nada além do que a medida do sucesso dos vencedores, ou seja, o progresso do capital. O progresso em Benjamin é, assim, o progresso da catástrofe que se universaliza, e a narrativa da historiografia dominante, sob sua aparente universalidade, remete à dominação de uma classe.

À ideia de progresso, contudo, se somou a interpretação da neutralidade e da objetividade na produção do conhecimento histórico como força epistemológica central. Ou seja, procurando a legitimidade da argumentação linear causal do progresso, se construiu um arcabouço epistemológico que aferia à história narrada um puro papel científico. Esse papel, entretanto, prestou-se mais às dominações (como no caso do neocolonialismo) do que à própria cientificidade da história, notadamente a partir do ensino de história que estabelecia os grupos humanos hierarquicamente^{XXIII}. Nestes termos, percebe-se que a História é ensinada de forma diferente pelos vencedores e pelos vencidos, transformando-se, para estes últimos, em um passado-presente arruinado e que, por arruinado, transformaria os horizontes de expectativas em uma impossibilidade de concretização. Logo, a neutralidade do historiador ante a pesquisa histórica e a objetividade dos resultados propostos, tanto academicamente

quanto escolarmente, aparecem como corroboração da opressão histórica. Afinal, as discussões teóricas em torno da história ocorridas no final do século XX apontam que a historiografia não é capaz de reconstituir o passado tal qual foi como significativa parte do século XIX e do próprio XX acreditaram. Daí a necessidade, conforme Benjamin indica, da aproximação história-política, da repolitização do discurso historiográfico em todos os níveis de pesquisa, produção e ensino, no sentido passado-presente^{XXIV}.

A linearidade narrativa, o ideal de progresso, a crença no universalismo historiográfico e a percepção de objetividade do fato histórico e de neutralidade do historiador acabaram, entretanto, saindo vitoriosos no cerne de um ensino de história que ainda é profundamente conservador e que se pauta por uma identificação entre classes. Há, portanto, certa força da tradição em prol de uma naturalização da linearidade causal e do progresso, como sendo um progresso universal, no ensino de história que, por sua vez, seria uma disciplina objetiva e neutra, como bem se pode perceber em demandas como o projeto ‘Escola sem Partido’. Nesses termos, percebe-se também a típica divisão de conteúdo curricular em forma eurocêntrica que apenas apresenta unidades de sentido reais se olharmos exclusivamente para os vencedores. A título de exemplo, podemos lembrar que no Programa Nacional do Livro Didático, de 2015, todos os livros aprovados para o Ensino Médio seguiam essa divisão. No PNLD de 2017, para o Ensino Fundamental, acontece o mesmo fenômeno: a linearidade narrativa^{XXV}. Com essa linearidade que proíbe a ruptura, o ‘novo’ desaparece e o ensino de história se afasta da narrativa da experiência, aproximando-se da informação indiferente^{XXVI}. Afinal, apenas com as descontinuidades e saltos é possível uma história crítica, já que apenas assim é possível desestabilizar o presente, jogando-o contra ele mesmo.

À linearidade narrativa e à heroificação historiográfica o autor acrescentaria outras críticas, como à noção de progresso e universalidade e contra as percepções de neutralidade e objetividade pura na produção do conhecimento histórico. Só assim, superando esses elementos obstrutivos, ter-se-ia uma história que o fim fosse a vida humana e não o Estado ou os interesses de determinado grupo. Por isso, a necessidade de se devolver a história às ruas, aos colégios, devolvendo-lhe o sopro de vida retirado ao longo do tempo^{XXVII}.

Desconfiando das categorias universalizantes, Benjamin construiu uma nova ética e estética para a historiografia: a história a contrapelo, que implica na compreensão do processo brutal de adaptação à sociedade capitalista^{XXVIII}. Por isso, o futuro é sempre o futuro de um passado que, eliminando todas as possibilidades, coroou a marcha triunfal dos vencedores. Por isso, são indissociáveis a história e o sofrimento traumático. Assim, se apresentam “a história do mundo como a história do sofrimento e a história do sofrimento como a história do mundo”^{XXIX}. Por isso mesmo critica o culto do passado construído em um tempo vazio e homogêneo, uma vez que sendo cultuado, o passado perde sua força revolucionária e se transforma em uma simples mercadoria cultural, perdendo sua possibilidade aurática^{XXX}. Nestes termos, Walter Benjamin se aproxima de Friedrich Nietzsche, para quem a História apenas seria útil se servisse à vida e à ação^{XXXI}. Portanto, propõe que se busque na pesquisa histórica e, conseqüentemente, em seu ensino, resgatar as experiências daqueles que foram vencidos, se distanciando dos documentos de cultura, porque também de barbárie^{XXXII}.

Considerações Finais ou Apontamentos Iniciais Para um Prosseguimento

Benjamin apresenta um elemento importante em nosso tempo presente ao se pensar no ensino de história. Um elemento ético: dar voz aos que foram silenciados. Tal qual Benedetto Croce – obviamente guardando todas as proporções de encaminhamento historiográfico e político –, Benjamin apresenta a história enquanto um fenômeno presentificado no qual os oprimidos são sujeitos do conhecimento histórico, possuindo esse direito^{XXXIII}. Por fim, com

RICON, L.C.C.

um humanismo que percebe os indivíduos em suas classes como os verdadeiros agentes históricos responsáveis por frear a locomotiva catastrófica da barbárie, aproxima-se de Max Horkheimer, quando este afirma que “é doloroso ser desconhecido e morrer na obscuridade. Clarear essa obscuridade, essa é a honra da pesquisa histórica”^{xxxiv}. E nisso está o poder terapêutico da História, que se afirma apenas se esta *também* se apresentar como artefato literário^{xxxv}.

Walter Benjamin não pensou diretamente em uma ética da educação enquanto uma manifestação humana, mas, conforme sinaliza Márcio Seligmann-Silva, de suas percepções podemos derivar uma^{xxxvi}. Afinal, a escola é mais do que o lugar da recepção de conhecimento acadêmico, sendo ela mesma lugar de produção do conhecimento. Entretanto, “qual conhecimento histórico a escola produz” ainda é uma questão relevante. As respostas são muitas porque as realidades são muitas. Neste sentido Walter Benjamin ecoa profundamente. Pensar uma prática de ensino de história que seja viva e dialogue com os cotidianos e, principalmente, com as experiências dos alunos ainda é fundamental para atear ao passado a centelha da esperança^{xxxvii}.

Notas:

ⁱ Doutor (2017) e Mestre (2013) em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-IH-UFRJ), na linha Poder e Discurso. Líder do grupo de Pesquisa Teoria e Ensino de História, da Universidade Católica de Petrópolis. Pesquisador do Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridade (LAPETHI-UFRRJ). Além da vinculação entre a Teoria da História e o Ensino de História se dedica a pesquisas relacionadas à História da música. E-mail: lcricon@gmail.com

ⁱⁱ CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber a ser ensinado*. Argentina: Aique Grupo, 1997.

ⁱⁱⁱ CIAMPI, Helenice. O professor de História e a produção dos saberes escolares: o lugar da memória. In: FERREIRA, Antônio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina (orgs). *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008, pp.203-222.

^{iv} Uma série de obras já sinalizou essa crise na história recente da historiografia: AURELL, Jaume. *A Escrita da História*. São Paulo: Sita-Brasil, 2010; BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018; DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à nova história*. Bauru: EDUSC, 2003; FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.

^v BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras - História*, Porto, III série, v. 2, 2001.

^{vi} SILVA, Maria da Conceição. Educação Histórica: perspectivas para o ensino de História em Goiás. *Saeculum: Revista de História*, 24, João Pessoa, jan./jun., 2011, p. 197.

^{vii} Não adentraremos nas discussões acerca do cotidiano escolar. Entretanto, para um discussão à qual nos vinculamos, recomendamos, em uma leitura certeaniana, a obra: FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

^{viii} LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

^{ix} Para se ter uma ideia, apenas as *Teses Sobre o Conceito de História* tiveram três publicações de peso com sua tradução para além do já mencionado estudo de Michel Löwy (*Op. Cit.*): a de João Barreto (*O anjo da história*. Horizonte: Autêntica, 2012), a de Reyes Mate, em tradução de Nélcio Schneider (*Meia-noite na história*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2011) e a edição crítica organizada por Adalberto Müller e Márcio Sligmann-Silva (São Paulo: Alameda, 2020). Isso sem levar em conta a já célebre tradução de Sergio Paulo Rouanet (*Walter Benjamin: obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985).

^x LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

^{xi} MEATO, Juliana Araujo. Ensinando História a contrapelo: reflexões benjaminianas. *Revista Encontros*, v. 16, 2018, p. 33-48.

^{xii} LÖWY, Michel. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

^{xiii} GONÇALVES, Max Alexandre de Paula. Pergunte novamente aos cavalos: realmente foi preciso teologia para pensar o fim da história? In: GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério [org]. *Epistemologias da História*. Londrina: Eduel, 2011, p. 297-334.

- XIV BENTIVOGLIO, Julio; RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo Durão. Walter Benjamin, testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar. In: BENTIVOGLIO, Júlio; CARVALHO, Augusto [org]. *Walter Benjamin: testemunho e melancolia*. Serra: Editora Milfontes, 2019, pp.115-140.
- XV LÖWY, Michel. . *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 65 (Tese VI).
- XVI BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- XVII LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- XVIII TOLEDA, Maria Aparecida. Problematiza o tradicional para encontrar o novo: o ensino de História no quadro das tendências historiográficas. *Cadernos de História da Educação* [Online], v. 15, p. 323-347, 2016.
- XIX LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 119 (Tese XIV).
- XX *Idem*, p. 123 (Tese XV).
- XXI BENJAMIN, Walter. Comentários sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.177-178.
- XXII LÖWY, Michel. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- XXIII RICON, Leandro Couto Carreira. Das Filosofias Positivistas da História à Educação Histórica Conservadora: Comte, Buckle e Durkheim. *REVISTA VIRTUAL EN_FIL - ENCONTROS COM A FILOSOFIA*, v. 8, p. 79-92, 2020.
- XXIV SELIGHMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: _____. *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 59-90.
- XXV TEIXEIRA, Juliana. História Cronológica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de [coord]. *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 121-127.
- XXVI FRANCO, Renato. 10 Lições sobre Walter Benjamin. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 74.
- XXVII BENTIVOGLIO, Julio; RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo Durão. *Op. Cit.*
- XXVIII FRANCO, Renato. *Op. Cit.* p. 18.
- XXIX *Idem*, p. 41.
- XXX BENTIVOGLIO, Julio; RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo Durão. *Op. Cit.*
- XXXI NIETZSCHE, Friedrich. Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Friedrich Nietzsche: escritos sobre a História*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005, pp. 67-178.
- XXXII ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de; CORDEIRO, Veridiana Domingos. A Teoria da História em Walter Benjamin: uma construção entre "História e Coleccionismo: Eduard Fuchs" e as "Teses sobre o conceito de história". *Revista de Teoria da História*, Ano 5, Número 10, dez/2013, p. 185-207.
- XXXIII LÖWY, Michel. . *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 108 (Tese XII).
- XXXIV HORKHEIMER, Max. *Crépuscules: notes em Allemagne*. Paris: Payot, 1994, p. 159.
- XXXV BENTIVOGLIO, Julio; RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo Durão. *Op. Cit.*
- XXXVI SELIGHMANN-SILVA, Márcio. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. In: BENTIVOGLIO, Júlio; CARVALHO, Augusto [org]. *Walter Benjamin: testemunho e melancolia*. Serra: Editora Milfontes, 2019, p. 141-156.
- XXXVII LÖWY, Michel. . *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 65 (Tese VI).

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de; CORDEIRO, Veridiana Domingos. A Teoria da História em Walter Benjamin: uma construção entre "História e Coleccionismo: Eduard Fuchs" e as "Teses sobre o conceito de história". *Revista de Teoria da História*, Ano 5, Número 10, dez/2013, p. 185-207.

AURELL, Jaume. *A Escrita da História*. São Paulo: Sita-Brasil, 2010.

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras - História*, Porto, III série, v. 2, 2001.

BENJAMIN, Walter. Comentários sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.177-178.

BENTIVOGLIO, Julio; RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo Durão. Walter Benjamin, testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar. In: BENTIVOGLIO, Jùlio; CARVALHO, Augusto [org]. *Walter Benjamin: testemunho e melancolia*. Serra: Editora Milfontes, 2019, pp.115-140.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à nova história*. Bauru: EDUSC, 2003.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.

FRANCO, Renato. *10 Lições sobre Walter Benjamin*. Petrópolis: Vozes, 2015.

GONÇALVES, Max Alexandre de Paula. Pergunte novamente aos cavalos: realmente foi preciso teologia para pensar o fim da história? In: GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério [org]. *Epistemologias da História*. Londrina: Eduel, 2011, p. 297-334.

HORKHEIMER, Max. *Crépuscules: notes em Allemagne*. Paris: Payot, 1994.

LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MEATO, Juliana Araujo. *Ensinando História a contrapelo: reflexões benjaminianas*. Revista Encontros, v. 16, 2018, p. 33-48.

NIETZSCHE, Friedrich. Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Friedrich Nietzsche: escritos sobre a História*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005, pp. 67-178.

RICON, Leandro Couto Carreira. Das Filosofias Positivistas da História à Educação Histórica Conservadora: Comte, Buckle e Durkheim. *REVISTA VIRTUAL EN_FIL - ENCONTROS COM A FILOSOFIA*, v. 8, p. 79-92, 2020.

SELIGHMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: _____. *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 59-90.

_____. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. In: BENTIVOGLIO, Júlio; CARVALHO, Augusto [org]. *Walter Benjamin: testemunho e melancolia*. Serra: Editora Milfontes, 2019, p. 141-156.

SILVA, Maria da Conceição. Educação Histórica: perspectivas para o ensino de História em Goiás. *Saeculum: Revista de História*, 24, João Pessoa, jan./jun., 2011.

TEIXEIRA, Juliana. História Cronológica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de [coord]. *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 121-127.

TOLEDA, Maria Aparecida. Problematisa o tradicional para encontrar o novo: o ensino de História no quadro das tendências historiográficas. *Cadernos de História da Educação* [Online], v. 15, p. 323-347, 2016.